



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 11, número 2, maio-ago. 2022

EMPODERAMENTO NEGRO *VERSUS* PERPETUAÇÃO DO RACISMO NO LÉXICO: O CASO DO PROGRAMA DE TRAINEE DO MAGAZINE LUIZA EM 2021



BLACK EMPOWERMENT *VERSUS* PERPETUATION OF RACISM IN THE LEXICON: THE CASE OF MAGAZINE LUIZA'S TRAINEE PROGRAM IN 2021

João Vitor de Paula SOUZA
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)

RECEBIDO EM 24/01/2022 • APROVADO EM 17/06/2022

DOI: 10.47295/mgren.v11i2.383

Resumo

Neste trabalho, partindo de pressupostos teóricos e metodológicos da Lexicologia, em interface com as esferas semântica, pragmática e discursiva, analiso, a partir do emprego lexical em excertos da comunicação oficial da empresa "Magazine Luiza" ao anunciar seu "Programa de Trainee" exclusivo para pessoas negras e na repercussão de tal medida em webnotícias, o léxico e suas relações com os campos mencionados. Considerando o anúncio e a repercussão do caso como um fenômeno de ordem social, histórica, política e econômica que se materializa por meio linguístico, e dada a relevância das relações estabelecidas entre racismo e linguagem, o objetivo central é avaliar se as discussões apresentadas propiciam algum tipo de "empoderamento negro" pela linguagem (léxico) e/ou se há uma perpetuação do racismo estrutural via linguagem (léxico). Para alcançar tal meta, foram selecionados excertos da comunicação oficial da empresa (99JOBS) e da repercussão do caso em diferentes webjornais ("Agência Brasil", "G1", "Metrópoles" e "O Tempo"). Assim, a partir da análise dos vocábulos utilizados nesses veículos, foram tecidos comentários que evidenciam, por um lado, uma tentativa de empoderar a negritude jovem brasileira, por

meio de construções lexicais que validam a ação afirmativa do “Magazine Luiza” como uma prática antirracista e, por outro lado, há, em determinados excertos jornalísticos, a perpetuação de ideologias racistas que se materializam nas escolhas lexicais, em posicionamentos contrários à medida.

Abstract

In this paper, based on theoretical and methodological assumptions from Lexicology, in interface with the semantic, pragmatic, and discourse spheres, I analyze, starting from the lexical use in excerpts of the official communication of the company “Magazine Luiza” when announcing its “Trainee Program” exclusive for black people, and on the repercussion of such initiative in pieces of digital news, the lexicon and its relations with the mentioned fields. Considering the announcement and the repercussion of the case as a social, historical, political, and economic phenomenon that materializes through language, and given the relevance of the relations established between racism and language, the main objective is to assess whether the presented discussions provide some sort of “black empowerment” through language (lexicon) and/or whether there is a perpetuation of the structural racism via language (lexicon). To achieve this goal, excerpts from the company's official communication (99JOBS) and from the repercussions of the case on different digital newspapers (“Agência Brasil”, “G1”, “Metrópoles”, and “O Tempo”) were collected. Thus, starting from the analysis of the vocabulary used in these vehicles, comments were made to demonstrate that although there is an attempt to empower the young Brazilian blackness, through lexical constructions which validate the affirmative action from “Magazine Luiza” as an antiracist practice, there is also, in some journalistic excerpts, the perpetuation of racist ideologies that are materialized on the lexical choices used on stances contrary to the initiative.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Léxico; Racismo Estrutural; Discurso; Semântica e Pragmática; Webjornalismo.

Keywords: Lexicon; Structural Racism; Discourse; Semantics and Pragmatics; Digital Journalism.

Texto integral

Considerações iniciais

O ano de 2020 surpreendeu a população mundial com a pandemia de COVID-19 (*Corona Virus Disease 2019 - Doença do Coronavírus 2019*), causada pelo vírus SARS-CoV-2, o “novo coronavírus”. Penna *et al.* (2020) apontam que, já no início de fevereiro de 2020, o Ministério da Saúde declarou que o Brasil estava em “estado de emergência” nacional e, até o início de julho, o país havia se convertido no segundo em número de casos confirmados, com uma taxa de mortalidade de 4,2%, sem considerar os assintomáticos.

Por outro lado, Goes, Ramos e Ferreira (2020) alertam, a partir de dados dos Estados Unidos, que há, devido à desigualdade socio-racial, maior contaminação e letalidade em afro-estadunidenses. Refletindo sobre o cenário brasileiro, esses autores apontam que, apesar da falta de dados similares, entende-se que pessoas negras devem sofrer mais severamente as consequências do cenário atual, tendo em vista o histórico de desigualdades e a falta de direitos enfrentados por essa etnia, como a vulnerabilidade socioeconômica, o menor acesso à saúde, a habitação de

moradias precárias, etc. Nesse sentido, os pesquisadores afirmam que o próprio distanciamento social (popularmente chamado de “quarentena”) e a lavagem frequente de mãos, duas medidas preventivas eficazes, podem ser menos aderidas por populações não brancas, devido à falta de acesso à água potável e à permanência no mercado de trabalho informal ou em serviços essenciais, tais como alimentação e transporte.

Mesmo em meio à crise sanitária instaurada pelo coronavírus, outro debate veio à baila: a violência institucionalizada em organizações policiais, contra pessoas negras. Após a morte de George Floyd, estadunidense negro que foi sufocado e morto por Derek Chauvin, policial branco, enquanto alertava que não conseguia respirar, e diversos outros casos no mundo, uma onda de protestos antirracistas e antiviolença contra as minorias raciais tomou a mídia, a internet e as ruas. *Weine et al.* (2020, p. 1) apontam que, após a morte de Floyd, protestos começaram em Mineápolis, cidade de sbbeu assassinato, e se espalharam por muitas localidades dos Estados Unidos e por mais de sessenta países, incluindo o Brasil. Nesse sentido, a perplexidade com a violência recorrente e o racismo estrutural trouxe para 2020 uma expressão que já fora difundida em 2014: a de que “Vidas Negras Importam”.

A mobilização, originalmente intitulada “Black Lives Matter” ou “BLM”, em inglês, surge, de acordo com Ince, Rojas e David (2017), após a condenação de George Zimmerman, membro de uma equipe de “vigilância de bairro” (*neighbourhood watch*) que baleou e matou o adolescente afro-estadunidense Trayvon Martin, no inverno de 2012. O movimento surge como uma *hashtag* no Facebook e convida as pessoas a refletir sobre situações que afetam a vida de pessoas negras, como a desigualdade social, a violência policial e o acesso à saúde. Assim, em meio ao cenário de protestos, pessoas, governos e empresas se pronunciaram publicamente, posicionando-se e tomando medidas para diminuir as disparidades raciais, ou, ao menos, refletir sobre tais questões. Nessa perspectiva, o “Magazine Luiza”, varejista no ramo de móveis e eletrônicos no Brasil, anunciou em setembro de 2020 um “Programa de Trainee” *exclusivo* para pessoas negras (pretas e pardas), com salário de R\$6.600,00 mais benefícios, numa tentativa de aumentar a participação negra em cargos de liderança da empresa (99JOBS, 2020). Tal iniciativa foi alvo de críticas e louvores, tendo repercutido na imprensa e nas redes sociais e sido, posteriormente, replicada por outras empresas nacionais.

Dessa forma, ao considerar o anúncio e a repercussão do caso de Trainees do “Magazine Luiza” como um fenômeno de ordem social, histórica, política e econômica que se materializa por meios textuais, ou seja, linguísticos; e pela relevância, sempre presente, das relações estabelecidas entre racismo estrutural e linguagem, especialmente em meio ao cenário de desigualdades apresentado (em relação ao coronavírus e aos protestos antirracistas), pretendo¹, neste trabalho, abordar, a partir da Lexicologia, como o léxico é utilizado na comunicação oficial da empresa e na repercussão do caso em meio jornalístico na primeira quinzena do anúncio do referido programa. Assim, busco estabelecer relações entre léxico e as esferas *semântica*, *pragmática* e *discursiva*, avaliando se as discussões propiciam algum tipo de “empoderamento negro” pela linguagem (léxico) e/ou se há uma perpetuação do racismo estrutural via linguagem (léxico).

¹ Embora o uso da primeira pessoa do singular não seja a opção mais bem avaliada no âmbito acadêmico, neste trabalho, seleciono esta marca em função de uma postura anti-epistêmica em que pretende-se evidenciar não um “eu-pessoal”, mas um “eu-social”, que manifesta o negro como promotor e criador de conhecimentos científicos.

Para tanto, foram selecionados cinco trechos para serem analisados neste trabalho, sendo dois da comunicação oficial da empresa no portal “99Jobs” e três de diferentes webjornais² (“Agência Brasil”, “G1” e “O Tempo”). As webnotícias foram selecionadas a partir de pesquisa no “Google” na ferramenta “Notícias”, e compreendendo o período de 18 de setembro de 2020 a 02 de outubro de 2020. Apresento, a seguir, a primeira parte da Fundamentação Teórica deste trabalho, na qual contextualizo os estudos do léxico, associando-os às esferas mencionadas.

Léxico e as esferas semântica, pragmática e discursiva

A Lexicologia pode ser concebida, nos estudos do léxico (Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia, Fraseologia e Fraseografia), como uma ciência antiga cuja preocupação é descrever, estudar e analisar o léxico, suas unidades, relações e significações. Assim, esta área da Linguística deve “[...] dizer cientificamente em seus vários níveis o que diz o LÉXICO, ou seja, sua significação” (HENRIQUES, 2018, p. 13, grifos do autor).

Desta forma, Biderman (2001, p. 14) define o léxico de uma língua como “tesouro cultural abstrato” de um povo, sendo entendido como “patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história”. Assim, não se pode desvincular o léxico, como a língua e a linguagem, de seus usuários e de suas relações com a história. Nesse sentido, Biderman (1998) aponta que o léxico tem duas dimensões: a social e a individual. Na dimensão social, é adquirido socialmente, (re)transmitido entre as gerações de um mesmo povo/cultura, ao longo do tempo. Já em sua “[...] dimensão individual, o léxico é conceptualizado como um conjunto de representações” (BIDERMAN, 1998, p. 90). Ou seja, a autora concebe léxico não como conjunto de “palavras”, mas de representações socialmente construídas e difundidas.

Stuart Hall (2016), importante nome nos estudos culturais e pesquisador negro³, define o termo “representação” como a forma pela qual a humanidade constrói socialmente os sentidos através da linguagem. Dessa forma, a representação é entendida como “[...] uma fonte para o *entendimento* social [...]” (p. 77, grifos do autor) e penso que para o entendimento das práticas de uso da linguagem, em geral, e do léxico, em particular, visto que a linguagem “[...] opera como um *sistema representacional*” (p. 18, grifos do autor).

Nessa perspectiva, entendo que os estudos do léxico são amplos e podem ser conduzidos a partir de diferentes pontos de vista, configurando-se, portanto, como uma área da Linguística propícia para a transdisciplinaridade. As questões individuais e sociais do léxico serão retomadas no momento de análise, em que serão evidenciadas escolhas lexicais e conteúdo de ordem discursiva.

Em questões terminológicas, Polguère (2018, p. 49, grifos do autor) afirma que “a *Lexicologia* é um ramo da Linguística que estuda as propriedades das unidades lexicais da língua denominadas *lexias*”. Assim, a noção de “palavra” é vista

² Utilizo o termo “webjornalismo” (e, analogamente, “webjornal” e “webnotícia”), genericamente, para designar o jornalismo que é feito na web e para a web. Há outras denominações usadas para o mesmo fenômeno por diferentes autores, como “ciberjornalismo”, “jornalismo digital” ou “jornalismo on-line” (cf. Canavilhas, 2014, p.3).

³ Fiz questão de selecionar autoras negras e autores negros em boa parte da Fundamentação Teórica deste trabalho, como forma de ressaltar a postura antirracista e anti-epistemicida que empreendo. Entretanto, por questão de fluência da leitura e mesmo de acesso a dados étnicos de alguns teóricos, não apontarei a etnia de cada pesquisador.

como pouco precisa, ambígua e é substituída por outros termos (cf. POLGUÈRE, 2018) mais técnicos e que serão úteis no decorrer deste trabalho: “lexema”, generalização do signo linguístico, estruturado em torno de um sentido, pode ser flexionado nos discursos. Entendo o termo como abstrato e o utilizo em referência, principalmente, ao estado dicionarizado dos vocábulos; “lexia” (ou “unidade lexical”) é associada a um “[...] sentido que se encontra no significado do lexema ou da locução” (p. 68). O autor concebe “lexia” e “unidade lexical” como sinônimos de “acepção de um vocábulo”, nos casos de unidades polissêmicas, ou, como sinônimos de “vocábulo”, em casos de não polissemia. Utilizo os termos em situações polissêmicas. Já o “vocábulo”, é a materialização do léxico, isto é, a unidade linguística que, dotada de sentidos, é utilizada nos discursos. Os vocábulos serão, portanto, a unidade de análise do presente trabalho.

Assim, pretendo abordar, na proposta do “Programa de Trainee do Magazine Luíza em 2021” (99JOBS) e em textos jornalísticos que debatem o referido programa, vocábulos referentes à discussão, com base em três esferas: a semântica, a pragmática e a discursiva. Também considero, em função da presença no *corpus* de análise, unidades complexas do léxico, ou seja, relações sintagmáticas existentes entre alguns vocábulos.

Para Polguère (2018) um sintagma é uma sequência de palavras interconectadas, direta ou indiretamente, por relações semânticas. Nos excertos selecionados, estão presentes dois tipos de sintagmas: aqueles cuja combinação de elementos lexicais se dá de forma livre e aqueles cuja combinação se dá de maneira cristalizada/congelada, isto é, são blocos pré-construídos de sentido. Do primeiro tipo, são exemplos “passado ancestral”, “assumimos nossa responsabilidade” e “dar protagonismo”. Já do segundo tipo, as ocorrências são de locuções verbais e locuções nominais, como “[não estamos] baixando a régua” e “crime de racismo”, respectivamente. Ainda de acordo com Polguère (2018, p. 62), uma locução é uma entidade “estruturada em torno de um sentido exprimível por meio de um conjunto de sintagmas congelados, semanticamente não composicionais, que se distinguem somente pela flexão.”

Biderman (2001, p. 16), em uma concepção saussuriana de “signo linguístico”, compreende que “[...] a Lexicologia faz fronteira com a semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa”. Na mesma perspectiva, a noção de valor “[...] resulta da presença simultânea dos outros signos dentro do sistema e aos quais ele se contrapõe, formando uma rede semântica” (BIDERMAN, 1998, p. 111).

Por sua vez, Polguère (2018, p. 198) aponta que “as lexias de um determinado campo semântico se agrupam naturalmente na mente do Locutor, porque seus sentidos remetem todos a um mesmo domínio, e formam uma mesma ‘família semântica’”. Ou seja, os vocábulos de um mesmo campo semântico podem ocorrer em um mesmo discurso, fazendo com que seus sentidos se autorreentam, ampliando, em alguns casos, o próprio sentido produzido pelo discurso. Assim, os vocábulos, integrantes do léxico de uma língua, se associam em redes semânticas que aproximam e relacionam certas representações e afastam outras. Por exemplo, as noções de “branco” e “negro”, como etnias socialmente construídas, existem e são linguisticamente concebidas em um esquema de oposição.

Na dimensão pragmática do léxico, Polguère (2018, p. 220, grifos do autor) afirma que os fenômenos pragmáticos “[...] relacionam a língua com o contexto de enunciação e de interpretação dos enunciados, chamado *contexto pragmático*”. Assim, na concepção do autor, a pragmática não é uma área da Linguística, mas se

relaciona a fenômenos do uso da linguagem em contexto. Nesse sentido é importante levar em conta que a comunicação é um processo social de negociação de sentidos entre sujeitos/falantes, por meio da linguagem (cf. MARUENDA-BATALLER, 2005, p. 947), ou seja, os sentidos de determinados vocábulos ou construções lexicais podem não ser semanticamente explícitos, isto é, são implícitos, ocultos, e só podem ser acessados e construídos quando negociados pelos sujeitos no momento de produção e interpretação dos discursos, nos usos concretos da linguagem (e do léxico, portanto).

A esse propósito, cabe lembrar que, embora se reconheça semântica e pragmática como esferas distintas, Araújo (2007, p. 2, grifos da autora) assevera que “[...] no *uso* lingüístico, esses níveis caminham juntos, por vezes se imbricam; a compreensão do dito (semântica) e a leitura do que é dito (pragmática) a alguém, através de um ato de fala, são duas faces da mesma moeda, para usar uma metáfora cara a Saussure.” Isso mostra que essas duas dimensões podem, produtivamente, ser levadas em conta simultaneamente, para análises linguísticas, incluindo as de caráter lexical. A autora complementa, ainda, afirmando a imprescindibilidade de aliar as duas esferas de análise pois “não há código sem uso, não há sistema de regras sem aplicação, não há ato de fala sem função” (p. 24).

Além das dimensões semântica e pragmática, como já indiquei, opero este trabalho considerando a esfera discursiva. Para Vieira e Macedo (2018, p. 64), o discurso é concebido como “[...] modo de ação, é prática social que altera o mundo e os indivíduos nesse mundo em relação dialética, é moldado por relações de poder e ideologias.” Já Hall (2016, p. 26, grifos do autor) define o termo como “conjunto (ou *constituição*) de ideias, imagens e práticas, que suscitam variedades de falar, formas de conhecimento e condutas relacionadas a um tema particular, atividade social ou lugar institucional na sociedade”. Assim, ao tratar de tema de interesse social e político que se manifesta, ideologicamente, por meio da linguagem, como a questão em tela, recorro à perspectiva discursiva. Retomarei o conceito e as implicações do discurso na análise do léxico, na seção seguinte, com foco, mesmo que breve, nos discursos jornalísticos.

Léxico em discursos jornalísticos

Os textos jornalísticos se configuram como discursos presentes na rotina de boa parte da população, sendo lidos como se fossem matéria de “transparência”, “objetividade” e “informação”, por uma parcela significativa de leitores que recorrem a esses textos em busca de fatos ou verdades sobre o mundo atual. Nesse sentido, van Dijk (2005, p. 74) aponta que o poder simbólico da mídia é persuasivo, podendo, em certa medida, controlar a mente dos leitores/espectadores/ouvintes, embora não controle (diretamente) suas ações.

Nessa perspectiva, entendo que o discurso jornalístico pode ser concebido como texto-discurso que é tornado público em meios jornalísticos ou meios de informação pública (rádio, televisão, imprensa), incluindo os que se fazem presentes em meios digitais (internet). Assim, a atualidade dos “fatos” é central na definição do termo “notícia”, visto que, em geral, é tida como uma informação nova acerca de eventos recentes (cf. VAN DIJK, 1990, p. 17).

Por seu turno, Borba (2006, p. 91-92) aponta que a circulação do léxico é atrelada aos veículos de comunicação impressa. No Brasil, após a vinda da Família Real e da criação da Imprensa Régia, a difusão lexical acabou centrando-se nos jornais, que circulam mais que os livros. Ou seja, quantitativamente, o léxico circula

e se fixa a partir dos discursos jornalísticos. Já em um olhar qualitativo, o autor aponta que “é no jornal que se cumpre plenamente a função de interação social pela língua. Toda a vida social é retratada nos jornais em seus vários aspectos e níveis” (p. 92).

Assim, na perspectiva de van Dijk (1990; 2005; 2006) e Borba (2006), compreende-se o discurso jornalístico como importante meio de produção de sentidos sociais a partir da linguagem, ressaltando-se também a circulação massiva de notícias (e de *fake news*) na internet. A presença do webjornalismo na vida dos brasileiros parece ser crescente tanto pela velocidade com que as informações podem ser compartilhadas, como pela facilidade de seu acesso por meio de dispositivos portáteis como *tablets* e *smartphones*, de modo instantâneo e, em muitos casos, gratuito.

Pensando sobre a mídia, van Dijk (2005, p. 20) aponta que os discursos constituem a sociedade e a cultura, tendo funcionamento ideológico e sendo forma de (inter)ação social. Nas palavras do autor, a seleção de vocábulos, mais do que uma questão semântica, é “[...] uma expressão indireta de valores implícitos, ainda que associados, incorporados aos significados da palavra”⁴ (VAN DIJK, 1990, p. 122, tradução minha). Tal escolha lexical representa “[...] a dimensão primordial de um discurso controlado por ideologias” (VAN DIJK, 2005, p. 155).

Nessa perspectiva, reforço a associação estabelecida, neste trabalho, entre léxico e as esferas semântica, pragmática e discursiva, lançando mão não só da Lexicologia, mas também de outras áreas, especialmente da Análise de Discurso Crítica (ADC) (cf. VAN DIJK, 1990; 2002; 2005; 2006) e Vieira e Macedo (2018). Essa associação é pertinente, tendo em vista que a ADC lida com problemas sociais e assuntos políticos, por isso, sendo usualmente transdisciplinar, pois investiga a linguagem em interação e se preocupa com a produção, reprodução e legitimação das relações de poder e de dominância na sociedade (VAN DIJK, 2005, p. 20), características que dialogam com os propósitos desta pesquisa. Na próxima seção, teço considerações sobre as relações estabelecidas (e perpetuadas) entre léxico, discurso e a ideologia racista.

Léxico, discurso e racismo

Nesta seção, apresento algumas definições de “racismo” e termo correlatos, como “raça” e “negro”, para situar a análise que será proposta. Reflito, brevemente, sobre a situação do racismo no Brasil e, por fim, aproximo as discussões apresentadas à linguística, especialmente aos estudos do léxico e do discurso.

Neste trabalho, entendo racismo, conforme aponta a filósofa brasileira Ribeiro (2019, p. 12), como “[...] um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo”, ou seja, o racismo é aqui compreendido como parte estruturante de nossa sociedade, envolvendo suas variadas esferas (cultura, política, economia, linguagem, etc.). Nesse sentido, como reforça a autora (p. 38), “é impossível não ser racista tendo sido criado numa sociedade racista”. Assim, o racismo, enquanto estrutura social, perpassa, de modos e com consequências muito distintas, todos os indivíduos de tal sociedade, reverberando, também, na linguagem.

⁴ “[...] una expresión indirecta de valores implícitos, aunque asociados, incorporados en los significados de la palabra.”

Sobre o termo “negro”, Nascimento (2019, p. 76, grifos do autor), baseado em Mbembe (2014), destaca que:

“[...] o signo *negro* é uma criação da branquitude. Não apenas o nome ou a concepção foram criados, mas também sua configuração na era moderna durante enrijecimento e expansão do tráfico negreiro. Nesse contexto, “raça” se constrói através da língua e da história”. (NASCIMENTO, 2019, p. 76).

Isto é, “negro” e termos correlatos ou opostos passam a existir, na linguagem, a partir da história do racismo.

Refletindo sobre o cenário racial (e social) no Brasil atual, Jerônimo (2007, p. 34) mostra que, apesar de avanços recentes, disparidades raciais persistem no país, sendo que os negros “[...] continuam fazendo parte da população de baixa renda. Desde a Abolição [...] a taxa de desemprego continua maior entre o grupo negro, o qual se aglomera em locais pobres tendo a favela como moradia”. Isso ilustra como o debate evocado pela proposta do “Magazine Luiza” para um “Programa de Trainee” exclusivo para pessoas negras é atual e necessário.

É nessa conjuntura que Ribeiro (2019) apresenta dados concretos sobre a situação de negros nas universidades públicas, no mercado de trabalho formal e reflete, também, sobre a violência no Brasil. Resumo alguns desse dados e remeto a seu *Pequeno manual antirracista* para um debate mais aprofundado.

- Há uma ausência ou baixa incidência de pessoas negras em espaços de poder que, por haver sido naturalizada no sistema de racismo estrutural, não choca e nem surpreende. Para solucionar tal problema, a autora aponta para a necessidade de desnaturalização e da criação de acesso aos espaços negados (moradia, saúde, educação, mercado de trabalho, etc.);
- Após a lei de cotas e diversas ações afirmativas⁵, 51% dos alunos de universidades federais são negros⁶ e mais de 60% do total de alunos é oriundo de escolas públicas. O mercado de trabalho, entretanto, parece não acompanhar esse novo cenário e permanece excludente (especialmente em cargos de gerência) e racista;
- 71% das vítimas de assassinato são negras, tendo o número de homicídios de pessoas não negras diminuído em cerca de 7% e o de pessoas negras aumentado em 23,1%, nos últimos anos, o que evidencia uma tentativa (muitas vezes institucionalizada) de genocídio negro.

Aproximando o debate proposto aos estudos da linguagem, Ribeiro (2019, p. 21), em uma reflexão inicial sobre o papel da linguagem no racismo (e no antirracismo), afirma que é importante “[...] nomear as opressões, já que não podemos combater o que não tem nome”. Nesse contexto, Nascimento (2019, p. 19, grifos do autor) destaca que “uma vez que admitimos que o racismo está na estrutura das coisas, precisamos admitir que *a língua é uma posição nessa estrutura*”. Assim, a linguagem e o léxico, como nomeadores (e também ressignificadores), têm

⁵ Surgidas no final do século XX, cujo objetivo é diminuir as disparidades entre classes, gêneros ou etnias, por exemplo.

⁶ Em oposição a tal dado, Nascimento (2019) afirma que, entre jovens maiores de 15 anos, 70% dos brancos frequentam o Ensino Médio, contra apenas 55% dos negros.

papel central tanto na perpetuação do racismo de um lado, como no empoderamento negro e nas práticas antirracistas de outro.

Nessa relação, Martins (2012, p. 399) aponta que “perspectivas sobre raças, relações raciais e estruturas racistas, bem como o uso político das diferenças entre as pessoas de etnias diferentes são construídos e reproduzidos por meio da linguagem na prática social”, o que encaminha a discussão para o caráter discursivo do racismo enquanto estrutura. Assim, para Nascimento (2019, p. 36), os discursos passaram a figurar como “ferramentas” de manutenção da dominação dos não brancos, por parte da branquitude. O autor ressalta que essa importante discussão entre as relações de linguagem e racismo estrutural, enquanto sistemas, carece de pesquisas tanto na Linguística como em outras áreas (Estudos Sociais, Filosofia, Antropologia, dentre outras).

Em termos de discurso e enunciação, o linguista aponta que “raça [...] ao não ser compreendida como biológica, precisa ter desnudadas suas dimensões de acontecimento enquanto discurso, formação discursiva e texto⁷” (NASCIMENTO, 2019, p. 45). Nesse sentido, como lembra o autor, “[...] a racialização só pode existir na história” (p. 68), sendo que a ideia de raça só se dá “[...] em um contexto de interação em que a linguagem produza signos, sujeitos e se refira [...] a uma história de dores e tormentos, a um passado não resolvido, como é o caso do colonialismo, da escravidão e da dizimação dos negros” (p. 69). Ou seja, neste trabalho, em uma postura crítica, alinho os estudos do léxico aos componentes que moldam seu uso nos discursos (como sociedade, história, sujeitos, ideologia).

Centralizando a discussão léxico-discurso-racismo, van Dijk (2002, p. 192) entende o racismo como um sistema que tem um caráter social (estrutural) e uma esfera cognitiva (base ideológica mental), podendo manifestar-se em ações discriminatórias locais (nível micro) ou em abusos de poder por parte de grupos (não indivíduos), instituições e organizações (nível macro).

Por fim, como aponta van Dijk (2006, p. 30, tradução minha), “o racismo discursivo das elites, portanto, não se dá apenas por ‘palavras’ ou ‘ideias’, mas por uma penetrante e influente prática social que dá lugar a formas concretas de desigualdade étnica e dominação nas vidas diárias das minorias⁸”, o que reforça não só o caráter discursivo do emprego lexical nas práticas cotidianas, mas também a atualidade e a urgência do debate em tela.

A seguir, analiso o caso do “Programa de Trainee do Magazine Luiza em 2021”, a partir do léxico, em excertos da comunicação oficial da empresa e da repercussão do caso no em webnotícias, na primeira quinzena do anúncio do programa, com base no instrumental proposto, evidenciando, nos exemplos, as relações estabelecidas entre léxico e as esferas semântica, pragmática e discursiva.

Análise dos dados: o caso do “Programa de Trainee” do Magazine Luiza em 2021

Em 18 de setembro de 2020, o Magazine Luiza, rede varejista de móveis e eletrônicos, anunciou um “Programa de Trainee” voltado *exclusivamente para*

⁷ Nascimento (2019) se baseia tanto em estudiosos da Análise de Discurso Francesa, como da Análise de Discurso Crítica. Entendo que as concepções das duas vertentes são distintas e, desta forma, sempre que utilizo termos frequentes em ambas, me refiro à ADC.

⁸ “El racismo discursivo de las élites, por tanto, no son sólo ‘palabras’ o ‘ideas’, sino una penetrante e influyente práctica social que da lugar a formas concretas de desigualdad étnica y dominación en las vidas diarias de las minorías.”

peças negras. A ação foi idealizada em parceria com iniciativas dos movimentos negros, como “Indique Uma Preta” e “Black Influence”, além de colaboradores da empresa, objetivando potencializar a participação negra em posições estratégicas e de liderança na organização. O “Magazine Luiza” conta com quadro de funcionários composto majoritariamente por pessoas negras (53%) e, entretanto, apenas 16% de seus líderes pertencem a este grupo étnico. Para diminuir essa desigualdade, a corporação lança o programa mencionado como uma espécie de “ação afirmativa” (cf. 99JOBS, 2020).

Analiso, a seguir, com foco no léxico, o primeiro trecho extraído da comunicação oficial da empresa, no portal “99Jobs”.

Todos sabemos sobre o *passado ancestral da população negra no Brasil, a escravidão por décadas* foi uma *história* que deixou *reflexos sociais* que *distanciam, excluem e anulam pessoas negras de oportunidades* e *essas marcas podem ser sentidas em todos os espaços*. Precisamos caminhar juntos nesse *processo histórico* que só pode ser *reparado* quando entendemos o *impacto* do que é *estrutural* e hoje queremos *derrubar essa barreira* de forma saudável através da *oportunidade repaginando essa história* com responsabilidade.

Quadro 1. Excerto da comunicação oficial do “Magazine Luiza”.

Fonte: 99Jobs (2020, grifos meus).

No trecho selecionado, pode-se perceber uma evocação ao “passado negro”, com menção direta à escravidão instaurada no período colonial brasileiro, como modo de contextualizar as marcas sentidas no presente das populações afro-brasileiras. Tal contextualização é feita por meio dos vocábulos “passado ancestral” e “escravidão”. Cabe salientar que, semanticamente, o uso do vocábulo “décadas” é válido, visto que, os séculos em que este sistema de opressão correspondeu à principal massa trabalhadora no país durou, de fato, mais de uma década. Entretanto, entendendo que a escravização africana perdurou em solo brasileiro da metade do século XVI até quase o século XX, compreendo que caracterizar o período como “décadas” e não “séculos” parece, em termos de discurso, uma forma de reduzir ou atenuar o próprio processo histórico, sua extensão e seus efeitos.

No mesmo excerto, há uma série de vocábulos e construções com carga semântica negativa que são usados como descritores ou argumentos que, no período contemporâneo, justificam a necessidade do programa: “reflexos sociais”, “distanciam”, “excluem”, “anulam”, “marcas”, “sentidas” e “impacto”. De modo contrário, a própria existência do programa é posta em debate por meio de vocábulos e sintagmas com sentidos mais positivos, que contrastam com as unidades anteriores: “reparado”, “derrubar essa barreira”, “oportunidade” e “repaginando essa história”.

Nesse sentido, o termo “história” é bastante simbólico e é evocado, ao longo da comunicação oficial (99JOBS, 2020, grifos meus) em outros trechos, como “*são muitas conquistas* e isso só é possível graças aos mais de 35 000 funcionários que escrevem a *história* do Magalu” e “*inovação* é uma palavra constante na *história* do Magazine Luiza”, em que podemos ver a importância da associação bastante positiva que se faz da história da empresa, por meio de vocábulos como “conquistas” e “inovação”, o que também indica um contraste entre a história positiva da empresa *versus* a história negativa da escravidão e do racismo no Brasil.

Importante ressaltar, por fim, o reconhecimento do racismo como um processo estrutural e da indicação de uma tomada de responsabilidade coletiva sobre esse assunto. Essa posição se manifesta, no léxico, por meio de vocábulos e

sintagmas como “reflexos sociais”, “em todos os espaços”, “processo histórico” e “estrutural”.

No segundo excerto selecionado, tem-se:

Sabemos que *não vamos consertar tudo isso sozinhos*, mas *assumimos a nossa responsabilidade perante a sociedade de transformar essa história e cooperar para um cenário mais justo* trabalhando com transparência, humildade e respeito.

[...] A Magalu acredita que, mais do que *dar oportunidade*, precisamos *dar protagonismo* à [sic] *pessoas negras* em programas como esse.

[...] O objetivo desse programa é *ampliar oportunidades para pessoas que historicamente tiveram menos acesso*. Além disso, no ano de 2019 realizamos uma pesquisa com os colaboradores e a necessidade de *umentar a diversidade* dentro da empresa se mostrou presente para que possamos ter um ambiente *mais igualitário*.

[...] Não estamos *“baixando a régua”* estamos *valorizando* outros pontos de vista e narrativas, para *dar oportunidades iguais* à [sic] *todos*.

Quadro 2. Excerto da comunicação oficial do “Magazine Luiza”

Fonte: 99JOBS (2020, grifos meus).

Nesse trecho, há uma continuação do que foi discutido anteriormente, com diferenças a se considerar mais detalhadamente. Primeiro, a empresa segue com o reconhecimento de sua responsabilidade social em não atuar como perpetuadora do racismo enquanto estrutura por meio do sintagma “assumimos a nossa responsabilidade”. Há, no excerto, uma grande quantidade de vocábulos e construções de caráter mais ou menos positivo, associando a ação da organização a uma grande transformação na história e na sociedade: “consertar”, “transformar essa história”, “dar oportunidade”, “dar protagonismo”, “ampliar oportunidades”, “aumentar a diversidade”, “ter um ambiente mais igualitário”, “valorizando”, “dar oportunidades iguais à [sic] todos”. Interessante notar que, embora seja utilizada a construção na primeira pessoa do plural, como se observa em “não vamos consertar tudo isso sozinhos”, nesse caso em particular, o sujeito das orações seguintes é indicado como “a empresa Magazine Luiza”, retomado também pela unidade lexical “Magalu”, que serve de agente dos verbos utilizados nas orações acima para indicar a transformação social proposta pelo referido “Programa de Trainee”.

Em termos pragmáticos, cabe observar que o trecho final “não estamos ‘baixando a régua’”, vem de uma pergunta hipotética que está exposta em trecho anterior da comunicação oficial (99JOBS), a saber, “então agora a Magalu vai ‘abaixar a régua’ no critério de seleção de trainees?”. A empresa, nesse sentido, constrói parte de sua comunicação oficial pressupondo dúvidas possíveis dos interessados em participar do processo seletivo e, nesse trecho, parece supor, também, uma posição contrária à medida, daqueles que possam considerá-la negativa, indicada pela locução verbal de registro coloquial “abaixar a régua”.

Nesse sentido, a empresa usa, em outros momentos do texto (99JOBS, 2020), perguntas, respostas e vocábulos como “você”, ora para se comunicar com o público-alvo do programa, os jovens negros, como se pode observar em “é um programa de 12 meses em que *você* irá vivenciar uma série de experiências [...]” e “venha fazer parte!!”, ora para dialogar com possíveis opositores do projeto que instauram proposições questionadoras da ação, como no caso de “abaixar a régua”, “de certa forma, selecionar candidatos exclusivamente negros não pode denotar uma forma de preconceito?” e “a Magalu agora é ativista política?”.

Esses usos refletem não só a pressuposição das informações pragmáticas compartilhadas entre o enunciador (Magazine Luiza) e interlocutores (público-alvo

ou possíveis opositores, por exemplo) mas, ainda, uma espécie de dicotomia discursiva que será melhor tratada posteriormente.

A seguir, analiso a repercussão do “Programa de Trainee do Magazine Luiza em 2021” em webnotícias.

Em uma rede social, a juíza do Trabalho Ana Luiza Fischer Teixeira *criticou* o programa. “*Discriminação* na contratação em razão da cor da pele: *inadmissível*”, escreveu, na manhã deste sábado (19). “Na minha *Constituição*, isso *ainda é proibido*”, acrescentou ela, que apagou a publicação à tarde.

O presidente da Fundação Cultural Palmares, Sérgio Nascimento de Camargo, disse que a decisão da empresa é “*racismo*” *contra brancos*.

O deputado Carlos Jordy (PSL-RJ), vice-líder do governo na Câmara, publicou nas redes sociais que está entrando com representação no Ministério Público *contra* a empresa para que seja apurado *crime de racismo*.

Em resposta ao deputado, o Magazine Luiza informou que a companhia está *tranquila* em relação à *legalidade* do programa.

Quadro 3. Excerto de notícia do portal “G1”

Fonte: G1 (2020, grifos meus).

Neste excerto, veiculado pelo portal “G1” em 21 de setembro de 2020, cabe destacar o uso do léxico. Há uma evocação, por parte das declarações que o jornal seleciona para debater a repercussão do fato em tela, de termos que remetem à esfera jurídica e, de certa forma, à esfera política, ou seja, ao campo semântico da justiça. São estes, além de “juíza”, usado pelo jornal, “discriminação”, “minha constituição”, “proibido”, “racismo contra brancos”, “crime de racismo” e, também, “legalidade”, na declaração do “Magazine Luiza”. Nesse sentido, o debate se estende à esfera jurídica, em um embate entre a “ilegalidade” ou “legalidade” da medida. Cabe destacar, inicialmente, o emprego que a juíza faz ao enunciar “minha constituição”, como se o país não tivesse (ou ao menos não seguisse) uma única constituição, apenas. Além disso, tal uso parece indicar o entendimento ou a interpretação que a juíza, uma autoridade, faz das leis e, por extensão, da constituição, ou seja, representa um ponto de vista inevitavelmente ideológico.

Nessa perspectiva, ao entender “racismo” como estrutura social (cf. ALMEIDA, 2019; NASCIMENTO, 2019; RIBEIRO, 2019), uma medida como a tomada pelo “Magazine Luiza” não pode ser enquadrada como um ato de racismo, mas sim como uma ação afirmativa que busca, ao contrário de ações discriminatórias, uma tentativa de minimizar os danos dessa estrutura na sociedade brasileira contemporânea.

Em relação à esfera pragmática, duas construções léxicas chamam atenção: o uso de “ainda”, na fala da juíza, e o uso de “racismo” entre aspas, quando o jornal cita a fala de Sérgio Nascimento de Camargo. No primeiro caso, na fala da juíza do Trabalho transcrita no jornal, “isso ainda é proibido”, o emprego do vocábulo “ainda” parece indicar a crença, por parte da enunciadora, de que o “Magazine Luiza”, aliado a uma parcela da população, quer propor uma nova leitura constitucional. No segundo caso, quando o jornal evidencia a fala de Camargo de que o processo seletivo seria um racismo às avessas usando apenas o termo “racismo” entre aspas, percebe-se um distanciamento da visão do ex-presidente da Fundação Cultural Palmares da filiação do veículo, o que se configura como um uso pragmático que o jornal faz da voz de outrem, e que parece enfatizar o distanciamento discursivo/ideológico entre Camargo e o jornal.

No excerto, são explorados vocábulos com semas (traços semânticos) negativos como forma de “desacreditar” ou contrariar a medida, como “criticou” e “inadmissível” que, somados aos vocábulos que remetem à suposta ilegalidade da ação, intensificam o valor negativo que uma parcela da sociedade coloca sobre o referido “Programa”. Dessa maneira, há um contraste semântico com “tranquila” e “legalidade”, unidades do léxico usadas pelo Magazine Luiza, e que possuem semas mais positivos.

Outro fator de embate discursivo se evidencia no conjunto dos excertos analisados. Na comunicação oficial do “Magazine Luíza”, como já aponte, houve o emprego discursivo/pragmático da seguinte pergunta pressuposta: “a Magalu agora é ativista política?”. No trecho retirado do “G1”, um deputado do Partido Social Liberal (PSL) se declara contra a medida em debate, vendo-a como “racismo” e, de modo análogo, isso se repete na declaração de Camargo, que foi ocupante de cargo indicado pelo atual Presidente da República, Jair Bolsonaro.

Nesse sentido, em webnotícia retirada do jornal Metrôpoles (2020, grifos meus), há uma fala de Bia Kicis, também do PSL, em que a deputada aponta a seguinte questão: “*sabe quem é racista? A Magazine Luiza e quem mais achar que os negros precisam de favor e ter vaga exclusiva para emprego porque não têm capacidade intelectual. Nem falem quem [sic] é falta de oportunidade porque pobre branco tem as mesmas dificuldades*”, prosseguiu”.

Ou seja, parece haver um posicionamento político, nos excertos selecionados, de indivíduos contrários à medida. Desse modo, alguns comentários feitos por internautas nas páginas das webnotícias parecem corroborar esse embate ideológico entre os posicionamentos favoráveis e contrários, que parecem estar alinhados mais à esquerda (pró medida) e à direita (contra a medida) políticas. Tal fato pode ser observado no emprego dos vocábulos e sintagmas a seguir: “*racistas !!! , quem se preza não compra mas [sic] nesta loja lacradora de esquerdistas*”⁹, nesse comentário, o uso do termo “racistas” é agora atribuído não ao racismo histórico e estruturante da sociedade brasileira, mas estendendo o componente semântico do vocábulo ao suposto “racismo reverso” contra os brancos, também nas atribuições presentes no contraste entre os sintagmas “lacradora de esquerdistas” e “ações afirmativas”; um segundo comentário encontrado, e que corrobora essa dicotomia foi: “bom pesquisar um pouco sobre as *ações afirmativas* antes de destilar esse veneno, desprovido de fatos, que é inerente a todos os pseudos conhecimentos [sic] disseminados pelos *bolsolavistas*”¹⁰¹¹.

A seguir, analiso mais um excerto retirado de um webjornal.

No texto, a DPU diz que apoia e incentiva medidas do Poder Público e da iniciativa privada que proporcionem *redução de carências*.

“*A política de cotas constitui-se em forte instrumento para a realização dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil de construir uma sociedade livre, justa e solidária, reduzir as desigualdades sociais e regionais e promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação*. Dessa forma, deve ser *incentivada* como forma de *reduzir vulnerabilidades*”, diz a nota.

Quadro 4. Excerto de notícia do jornal “Agência Brasil”

Fonte: Agência Brasil (2020, grifos meus).

⁹ Comentário retirado do jornal “O Imparcial”, 2020, grifos meus.

¹⁰ Bolsolavista, neologismo que se refere aos adeptos do posicionamento de Jair Bolsonaro e Olavo de Carvalho.

¹¹ Comentário retirado do jornal “Metrôpoles”, 2020, grifos meus

Neste trecho, pode-se observar que alguns excertos de webnotícias se aproximam, por meio do léxico, do posicionamento da empresa “Magazine Luiza”. No caso em questão, o veículo “Agência Brasil”, em 06 de outubro de 2020, noticiou o fato em análise e trouxe à baila nota da Defensoria Pública da União (DPU). Os vocábulos e sintagmas selecionados para compor a nota têm valor positivo que apoiam a iniciativa. Construções como “redução de carências”, “política de cotas”, “forte instrumento”, “construir uma sociedade livre, justa e solidária, reduzir as desigualdades sociais”, “o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”, “deve ser incentivada” e “reduzir vulnerabilidades” aproximam tanto a posição do “Magazine Luiza” como da DPU em uma agenda antirracista mais ativa e que corrobora a discussão do racismo como um conjunto de processos sistemáticos que, portanto, se configuram como estrutura social, conforme já mencionado, e que tem efeitos sociais, econômicos e políticos, além de reverberar, também, em outros aspectos, incluindo o linguístico.

Na esfera discursiva, cabe notar o caráter simbólico presente no fato de uma instituição oficial do Estado posicionar-se favoravelmente com relação às medidas tomadas para a superação das desigualdades sócio-raciais no Brasil por meio de políticas públicas e iniciativas compensatórias na esfera privada.

Em seguida, analiso o último trecho de webnotícia selecionado para o presente trabalho.

O ator Bruno Gagliasso, 38, fez um desabafo, neste sábado (19), em suas redes sociais, falando sobre *racismo*, após internautas *criticarem* uma rede de lojas por fazer um processo de trainee apenas para negros. Nele, o artista afirma que *racismo reverso é lenda urbana*, mas *racismo estrutura* [sic] *é real*.

No post, Gagliasso inicia a conversa chamando seus “irmãos brancos” e afirma que o racismo estrutural é “um *monstro* que a sociedade inventou lá atrás e até hoje deixa correr solto por aí”. “É triste, mas nossa sociedade é feita todinha em cima disso (...) Nós, os brancos de hoje, *ainda nos beneficiamos* desse método”.

Quadro 5. Excerto de notícia do jornal “O tempo”

Fonte: O tempo (2020, grifos meus).

No presente excerto, trecho do jornal “O tempo”, de 20 de setembro de 2020, pode-se observar a criação de diferentes representações em torno do racismo, que circulam nos discursos e que são construídas com base na oposição “realidade” *versus* “ficção”, por meio de fala veiculada por um ator. O enunciador estabelece a oposição por meio dos vocábulos “real”, presente no sintagma “racismo real”, e “lenda”, presente na construção “racismo reverso é lenda”, desencadeando no leitor a representação da esfera da fantasia e da imaginação (visão, supostamente, daqueles que estão submersos em uma “cegueira ideológica” e que transfiguram a realidade, vivendo suas próprias “pós-verdades”), e da realidade social (visão daqueles que conseguem perceber os problemas sistemáticos que incidem historicamente sobre a sociedade). Intensificam tal representação a associação ao vocábulo “monstro” e ao sintagma “correr solto por aí”.

O uso do léxico como em “racismo reverso é lenda urbana”, “racismo estrutural é real” e “um monstro” que a sociedade deixa “correr solto por aí”, evoca, portanto, uma esfera semântica que contrasta ficção ou fantasia (racismo reverso) de um lado, com um problema sistemático da realidade social (o racismo), por outro.

Na esfera pragmática, cabe mencionar que o ator seleciona “irmãos brancos” como uma forma de chamar a branquitude brasileira para uma discussão da qual ela faz parte, mas talvez não saiba ou desconheça sua parcela de responsabilidade: a dos privilégios, evidenciada em “ainda nos beneficiamos desse método”. Nesse sentido, Ribeiro (2019, p. 33) aponta para a necessidade de se “[...] refutar a ideia de um sujeito universal — a branquitude também é um traço identitário, porém marcado por privilégios construídos a partir da opressão de outros grupos”. Ou seja, a filósofa e o ator parecem concordar com a urgência do reconhecimento, por parte da branquitude nacional, de seus privilégios e de como outros grupos étnicos são afetados por eles. Nesse contexto, Ribeiro (2019, p. 36), conclui que a categoria “negro” foi criada pela branquitude como justificativa para a mercadorização de corpos negros durante os séculos de escravização e que o reconhecimento dos privilégios brancos e uma posterior tomada de responsabilidade se difere de uma “culpabilização” na medida em que “[...] diferente da culpa, que leva à inércia, a responsabilidade leva à ação”, isto é, ao responsabilizar-se pelo racismo estrutural, a branquitude pode agir, ativamente, de modo a construir uma sociedade verdadeiramente antirracista.

Por fim, cabe destacar um fenômeno discursivo que parece estar em alta na sociedade brasileira: a noção de “racismo reverso”. O termo aparece explicitamente na fala de Gagliasso, mas, de modo análogo, em outros excertos já observados, como na fala do ex-presidente da Fundação Palmares. O advogado e pesquisador brasileiro Almeida (2019, p. 37)¹² ilustra essa discussão ao afirmar que:

[...]o racismo reverso seria uma espécie de “racismo ao contrário”, ou seja, um racismo das minorias dirigido às majorias. Há um grande equívoco nessa ideia porque membros de grupos raciais minoritários podem até ser preconceituosos ou praticar discriminação, mas não podem impor desvantagens sociais a membros de outros grupos majoritários, seja direta, seja indiretamente. (ALMEIDA, 2019, p. 37).

Assim, é preciso haver uma distinção clara do que é um ato de preconceito pontual e do que são os sistemas estruturais de dominação e opressão, como o racismo. Nesses termos, o autor aponta que:

a própria ideia de racismo reverso é curiosa e nos mostra como muitas vezes nos detalhes moram as grandes questões. O termo “reverso” já indica que há uma inversão, algo fora do lugar, como se houvesse um jeito “certo” ou “normal” de expressão do racismo. (ALMEIDA, 2019, p. 37).

Isto é, parece haver, no debate ideológico “racismo” *versus* “racismo reverso”, uma dicotomia discursiva entre o racismo típico e, portanto, aceito ou naturalizado/banalizado e um segundo racismo “atípico” e não natural, “reverso”, portanto.

Dessa maneira, em uma perspectiva discursiva de análise lexical, pode-se dizer, conforme Almeida (2019), que a noção de “racismo reverso” é “socialmente inexistente”, isto é, não se concretiza na sociedade e serve tão somente para deslegitimar as demandas por igualdade racial. Portanto, o

¹² Versão Kindle.

[...] racismo reverso nada mais é do que um discurso racista, só que pelo “avesso”, em que a vitimização é a tônica daqueles que se sentem prejudicados pela perda de alguns privilégios, ainda que tais privilégios sejam apenas simbólicos e não se traduzam no poder de impor regras ou padrões de comportamento. (ALMEIDA, 2019, p. 37-38)

A seguir, teço minhas considerações finais.

Considerações finais

Neste trabalho, objetivei abordar, partindo de pressupostos teórico-metodológicos da Lexicologia, em interface com as esferas semântica, pragmática e discursiva, como o léxico foi utilizado na comunicação oficial do “Magazine Luiza” e na repercussão midiática de seu “Programa de Trainee em 2021”, destinado exclusivamente a participantes negros. Dessa maneira, busquei avaliar, no léxico, se há marcas de uma tentativa de empoderamento negro ou se há a permanência de usos racistas da linguagem.

Para atingir tal objetivo, após uma contextualização do cenário em que o “Programa” se insere: em meio à pandemia de COVID-19, aos protestos antirracistas que aconteceram em diversos países em 2020, e aos movimentos negros contemporâneos (como o “Vidas Negras Importam”), apontei o quadro teórico-metodológico em que me insiro, nos estudos do léxico, e as interfaces estabelecidas na presente investigação.

Assim, abordei, brevemente, como o léxico estabelece relações com as esferas semântica, pragmática e discursiva, buscando encaminhar a discussão para questões como a produção de sentidos, o papel do contexto e da interação social entre os falantes para esta produção e as relações culturais e ideológicas que se marcam nas escolhas lexicais.

Em um segundo momento, tratei sobre a manifestação do léxico em discursos jornalísticos, dado o *corpus* de análise, apontando para o poder simbólico da mídia e, também, para o modo como o léxico circula, no meio social, por intermédio dos veículos de comunicação de massa.

E, para finalizar as sessões teóricas, destaquei algumas relações que se estabelecem entre léxico, discurso e racismo, na tentativa de encontrar respostas ou encaminhamentos para o problema da presente pesquisa. Nessa perspectiva, parti de conceituações de teóricos negros, reconhecidos dentro e fora da Linguística, para refletir sobre a realidade sócio-racial no Brasil, visando destacar, em um primeiro plano, o papel da linguagem, do léxico e dos discursos na perpetuação do racismo estrutural¹³ e, em um segundo plano, a importância de medidas concretas como a proposta pelo “Magazine Luiza”.

Na análise dos dados, a discussão da escolha e das combinações lexicais, nos excertos selecionados, mostrou que, por um lado, há tentativas de validar a iniciativa da empresa, como uma espécie de ação afirmativa que empodera a juventude negra, viabilizando aos jovens dessa etnia a assumirem posições de liderança na empresa e a uma possível ascensão social. Nesse sentido, o uso, realizado pelo “Magazine

¹³ Também espero ter suscitado reflexão, ainda que embrionária, sobre o papel da linguagem e, especialmente, do léxico na luta antirracista.

Luiza” e pelos apoiadores da iniciativa, de vocábulos e sintagmas como “transformar essa história”, “dar protagonismo”, “ter um ambiente mais igualitário”, “redução de carências” e “forte instrumento” evidencia esse empoderamento pelo léxico.

Nesse sentido, há o reconhecimento do racismo como estruturante da sociedade, das marcas atuais de processos históricos e uma tomada de responsabilidade coletiva que leva à ação, como no reconhecimento que o Magazine Luiza faz de seu quadro de funcionários, o que leva à ação afirmativa proposta.

Por outro lado, quando as discussões, por parte dos contrários à ação, reverberam na mídia e tratam a medida como “discriminação”, “racismo contra brancos” ou “racismo reverso”, vê-se a perpetuação de ideologias e discursos racistas que se refletem, linguisticamente, na seleção dos itens lexicais. Nesse sentido, em parte dos dados foi possível detectar questões ideológicas, referentes a posicionamentos políticos conflitantes em que, a esquerda política se posiciona pró medida, enquanto a direita política posiciona-se de maneira desfavorável à ação afirmativa. A análise e o referencial teórico, especialmente com base em Almeida (2019) mostrou, ainda, a inexistência social da noção de “racismo reverso” que permanece, na sociedade, como discurso racista.

Em síntese, cabe ressaltar que o debate proposto, por questões de escopo e de espaço, não se aprofundou em vocábulos, sintagmas ou sentidos particulares, mas avaliou o emprego lexical, como um todo, nos excertos selecionados e, além disso, a proposta não apresenta *corpus* extenso. Nesse sentido, a discussão em tela pode suscitar trabalhos futuros que discutam as relações da linguagem, em geral, ou do léxico, em particular, com o racismo estrutural, em posturas investigativas que sejam antirracistas e anti-epistemicidas, pois, como aponta Nascimento (2019, p. 112), “o papel das línguas, e de quem as discute, é reconfigurar o papel epistemológico da crítica ao racismo, buscando não apenas fazer concessão através do discurso, mas avançar a partir dele.”

Cabe mencionar, por fim, que, após a realização do “Programa de Trainee”, o Magazine Luiza compartilhou um vídeo ilustrando o “legado” dos 19 selecionados ao integrarem o programa na empresa em 2021 (Canal da Lu - Magalu, 2021).

Referências

99JOBS, 2020. Programa de Trainee Magazine Luiza 2021. Disponível em: <https://www.99jobs.com/magazine-luiza/jobs/93594-trainee-magalu-2021?preview=true>. Acesso em: 05 out. 2021.

ALMEIDA, S. *Racismo estrutural (feminismos plurais)*. São Paulo: Pólen, 2019. Edição do Kindle.

ARAÚJO, I. L. Por uma concepção semântico-pragmática da linguagem. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 5, n. 8, março de 2007.

BIA Kicis é alvo de notícia-crime no STF após post sobre *trainee* da Magalu. *Metrópolis. Brasil. Política Brasil*. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/bia-kicis-e-alvo-de-noticia-crime-no-stf-apos-post-sobre-trainee-da-magalu>. Acesso em: 05 out. 2021.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, 1998, p. 81-118.

- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 13-22.
- BORBA, F. S. Léxico e herança social. In: MARCHEZAN, R. C.; CORTINA, A. (Org.). *Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2006. v. 10, p. 81-96.
- CANAL da Lu - Magalu. LEGADO: O Programa de Trainee Magalu exclusivo para negros (pretos e pardos). Youtube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_Z0ovbveEkI. Acesso em 28 de setembro de 2021.
- CANAVILHAS, J. Hipertextualidade: novas arquiteturas noticiosas. In: CANAVILHAS, J. (Org.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros LabCom, 2014.
- CASO Magazine Luiza: 'Racismo reverso não existe', dispara Bruno Gagliasso. O tempo. Diversão. 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/caso-magazine-luiza-racismo-reverso-nao-existe-dispara-bruno-gagliasso-1.2387700>. Acesso em: 05 out. 2021.
- DEFENSOR público abre ação contra programa de trainee para negros. Agência Brasil. Justiça. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2020-10/defensor-publico-abre-acao-contra-programa-de-trainee-para-negros>. Acesso em: 05 out. 2021.
- DIJK, T. A. van. *La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información*. Traducción de Guillermo Gal. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1990.
- DIJK, T. A. van. Discurso y racismo. *Persona y Sociedad*, XVI(3), 2002, p. 191-205.
- DIJK, T. A. van. *Discurso, notícia e ideologia: estudos na análise crítica do discurso*. Tradução de Zara Pinto Coelho. Porto: Campo das Letras, 2005.
- DIJK, T. A. van. Discurso de las élites y racismo institucional. In: BASTIDA, M. L. (Coordinación). *Medios de comunicación e inmigración*. Santo Ángel: Gallegraf, 2006. p. 15-34.
- GOES, E. F.; RAMOS, D. O.; FERREIRA, A. J. F. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. *Trab. educ. saúde*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, e00278110, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462020000300301. Acesso em: 05 out. 2021.
- HALL, S. *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- HENRIQUES, C. C. *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: AltaBooks, 2018.
- INCE, J.; ROJAS, F.; DAVIS, C. A. The social media response to Black Lives Matter: how Twitter users interact with Black Lives Matter through hashtag use. *Ethnic and Racial Studies*, London, 40:11, 1814-1830, 2017. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01419870.2017.1334931?scroll=top&nedAccess=true>. Acesso em: 05 out. 2021.

JERÔNIMO, I. C. *O léxico do preconceito no discurso jornalístico*. 2007. 169 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

MAGAZINE Luiza abre vagas de programa trainee 2021 com salário de R\$ 6,6 mil. O Imparcial. Notícias. 2020. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/noticias/2020/09/magazine-luiza-abre-vagas-de-programa-trainee-2021-com-salario-de-r-66-mil/>. Acesso em: 05 out. 2021.

MARTINS, A. R. N. Racismo discursivo - o debate sobre a política de cotas para negros na imprensa. *Discurso & Sociedad*, vol. 6(2), 2012, p. 389-417.

MARUENDA-BATALLER, S. La pragmática léxica y la negociación del significado. *Revista Interlingüística*, vol. 15, num. 2, p. 947-960, 2005.

NASCIMENTO, G. *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

PENNA, G. O. *et al.* PNAD COVID-19: um novo e poderoso instrumento para Vigilância em Saúde no Brasil. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 9, p. 3567-3571, 2020. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232020000903567&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 05 de outubro de 2021.

POLGUÈRE, A. *Lexicologia e semântica Lexical: noções fundamentais*. Tradução de Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

PROGRAMA de trainee para negros do Magazine Luiza cumpre papel constitucional, dizem advogados. G1. Economia. Concursos e emprego. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/09/21/programa-de-trainee-para-negros-do-magazine-luiza-cumpre-papel-constitucional-dizem-advogados.ghtml>. Acesso em: 05 out. 2021.

RIBEIRO, D. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
VIEIRA, J. A.; MACEDO, D. S. Conceitos-chave em análise do discurso crítica. In: BATISTA JR., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (Orgs.). *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018, p. 48-77.

WEINE, S. *et al.* *Justice for George Floyd and a reckoning for global mental health*. Global Mental Health, London, 7, E25. 2020. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/global-mental-health/article/justice-for-george-floyd-and-a-reckoning-for-global-mental-health/BD197ECD27C47F490002668C16B3088B#fndtn-corrections>. Acesso em: 05 out. 2021.

Para citar este artigo

SOUZA, João Vitor de Paula. Empoderamento negro versus perpetuação do racismo no léxico: o caso do programa de *trainee* do Magazine Luiza em 2021. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 2, p. 522-541, maio-ago. 2022.

O autor

João Vitor de Paula Souza é bacharel em Letras com habilitação em tradução, licenciando em Letras e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP - São José do Rio Preto).